

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

LUCIANA BENTO DA SILVA

**O TRABALHO DO DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS
EFEITOS SOBRE SUA SAÚDE**

CAJAZEIRAS - PB

2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S586t Silva, Luciana Bento da
O trabalho do docente da educação infantil e os efeitos sobre
sua saúde. / Luciana Bento da Silva. Cajazeiras, 2014.
47f.
Bibliografia.

Orientadora: Luisa de Marillac Ramos.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Formação docente – educação infantil. 2. Professores da
pré-escola. 3. Educação pré-escolar. 4. Saúde do docente. I.
Ramos, Luisa de Marillac. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU –373.2

LUCIANA BENTO DA SILVA

**O TRABALHO DO DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS
EFEITOS SOBRE SUA SAÚDE**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à banca examinadora do Curso de Pedagogia da Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, Campus de Cajazeiras - PB, como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

CAJAZEIRAS - PB

2014

LUCIANA BENTO DA SILVA

**O TRABALHO DO DOCENTE DA EDUCAÇÃO INFANTIL E OS EFEITOS
SOBRE SUA SAÚDE**

Aprovada em ____/____/____ Nota: _____

Banca Examinadora

Professora Dr^a. Luisa de Marillac Ramos Soares – Orientadora - CFP/UFCG

Professora Ms. Nosângela Maria Rolim Dantas - Examinador - CFP/UFCG

Professor Dr. José Rômulo Feitosa – Examinador - CFP/UFCG

CAJAZEIRAS - PB

2014

“Ninguém nasce professor numa certa terça-feira às quatro horas da tarde [...]. Ninguém nasce professor ou marcado pra ser professor, a gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão pela prática”. (PAULO FREIRE, 1991, p. 58)

A Deus que me mostrou força e coragem durante toda caminhada, pois sem ele não teria chegado até aqui. A minha família, em especial, a minha mãe Rita Camila dos S Silva, que sempre me educou, orientando e mostrando o caminho certo a ser seguido, além disso, permaneceu junto comigo me apoiando na minha caminhada. A professora e coordenadora do curso Luisa de Marillac Ramos Soares, pelo convívio, apoio, compreensão e amizade no percurso de construção deste trabalho. Dedico também a todos os professores da Unidade Acadêmica de Educação que me acompanharam durante a graduação mostram-me a importância do processo de formação acadêmica.

DEDICO

AGRADECIMENTOS

Agradeço, antes de tudo a Deus, pois sem ele não teria força para concluir essa longa jornada, e que me permitiu chegar até aqui com saúde e paz.

Aos meus familiares, em especial, a minha mãe Rita Camila dos Santos Silva que me ensinou a ser tudo o que sou.

A todos os meus amigos que contribuíram, de forma direta e indireta, para a minha formação, em especial, aos companheiros de trabalho que compartilharam e ainda compartilham ensinamentos.

Agradeço imensamente a todos os professores do curso de Pedagogia, em especial ao Prof. Dr. Dorgival Gonçalves Fernandes, as Professoras Ms. Débia Suênia da Silva Sousa e Dr^a. Luisa de Marillac Ramos Soares que além de serem ótimos professores, foram excelentes orientadores, e contribuíram demais para com o conhecimento adquirido durante o curso. Obrigada!

A toda equipe da Escola Desembargador Boto de Meneses, em especial, a gestora dona Maria Ilca Lira, a coordenadora pedagógica Janilane Barroso e as professoras Euma Pessoa, Jaqueline Almeida e Cícera Maciel que contribuíram, significativamente, no meu processo de formação enquanto estagiária e bolsista pibidiana atuante nessa instituição de 2012 a 2014.

A todas as crianças com as quais pude conviver aprender e amar durante minha caminhada de trabalho e formação como professora.

A todos os integrantes dos movimentos sociais, como a Rede de Educação Cidadã (RECID), a Marcha Mundial das Mulheres (MMM) e Levante Popular da Juventude. Aprendi muito para a vida ao participar desses movimentos.

Por último, e não menos importante, agradeço aos professores da Educação Infantil das Creches Municipais de Cajazeiras, que colaboraram com a minha pesquisa.

RESUMO

O trabalho educacional exige muito do docente e isso provoca certo desconforto no indivíduo que atua nesta área, haja vista que grande parte das professoras desempenha atividades em mais de uma instituição escolar. Tendo em vista as constantes demandas administrativas municipais para esta categoria, aumentando mais sua responsabilidade, assim sendo, faz-se pertinente uma reflexão acerca da situação em que atua esse profissional. Neste sentido, procuramos investigar se estas professoras se afastam das atividades desenvolvidas nas Creches por motivo da saúde e quais são as atitudes da Secretaria da Educação da cidade de Cajazeiras - PB frente a tal afastamento, também analisar a relação entre as condições de trabalho do docente e os efeitos sobre sua saúde, caracterizar como realiza essas atividades e identificar os principais desafios, ao mesmo tempo saber como eles se adaptam e lidam com as novas tendências educacionais e suas respectivas demandas. Tem-se como aporte, os teóricos Tardif (2009), Libâneo (2007), Codo (1999), Freire (1996), Nóvoa (1995), RCNEI (BRASIL, 1998), Soares (2008), Bauer (2010), Schwalm (2012) que discorrem acerca da temática em questão e que contribuem para auxiliar na compreensão. A pesquisa ocorreu entre os meses de outubro a novembro de 2013, sendo entrevistadas 21 docentes das quatro Creches municipais. Para alcançarmos os objetivos propostos fundamentamos teoricamente, utilizamos o questionário e a entrevista semiestruturada. Os resultados apontaram a necessidade de projetos que atendam ao cuidado com estes profissionais, já que alguns demonstraram que se afastaram das atividades por motivo de doença, e outros se mostram insatisfeitos e incompreendidas na sua prática pedagógica.

Palavras-chave: Educação infantil, Saúde docente, Condições de trabalho.

ABSTRACT

Teaching requires a great deal of the teacher and causes discomfort because many teachers work in more than one school. In addition, the requirements increase over their responsibility. So it is important to reflect on the reality of these professionals. Therefore, we investigated if the teachers have been absent from their work in day-care institutions because of health problems and what are the attitudes of the Secretary of Education of the city of Cajazeiras/PB regarding this. We also analyze the relationship between teacher's working conditions and the effects of these conditions on their health. We describe how they perform their activities and identify the main challenges of the category. We also investigated how teachers adapt to new educational trends and their respective demands. To conduct this research, we used studies of Tardif (2009), Libâneo (2007), Codo (1999), Freire (1996), Nóvoa (1995), RCNEI (BRAZIL, 1998), Soares (2008), Bauer (2010) and Schwalm (2012), which study the subject in question and help us understanding it. The survey was conducted between the months of October and November 2013. There were interviewed 21 teachers who work in four municipal. The research techniques used were the questionnaire and the semi-structured interview. The results showed the necessity for formulation of projects that pay attention to the needs of these professionals, since some of them affirmed they have been absent from work due to illness and others said feel dissatisfied and misunderstood in their teaching practice.

Keywords: Child Education. Health Teacher. Working Conditions.

LISTA DE SIGLAS

AC – Análise de Conteúdo

EI – Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

PDDE – Programa Dinheiro Direto na Escola

RCNEI – Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil

SEEC – Secretaria de Educação de Cajazeiras

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I	
1. PRÁTICA DOCENTE E CONDIÇÕES DE SAÚDE.....	15
1.1. A função da escola e as mudanças estruturais e institucionais.....	16
1.2. Professor, trabalho e desafio.....	17
CAPÍTULO II	
2. PERCURSO METODOLÓGICO.....	22
2.1. Procedimentos e instrumentos da coleta de dados.....	22
2.1.1. O questionário.....	23
2.1.2. Entrevista semiestruturada.....	23
2.2.3. Contextualização do local pesquisado.....	24
2.2.4. Descrição do espaço físico das Creches.....	24
2.2.5 Os atores sociais da pesquisa.....	26
CAPÍTULO III	
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	27
3.1. Perfil sociodemográficos.....	27
3.2. Formação docente, tempo de atuação e renda salarial.....	28
3.3. Profissão que seguiriam, caso não fossem docentes.....	29
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A	
APÊNDICE AI	
APÊNDICE B	

INTRODUÇÃO

A pesquisa procura investigar se as condições de trabalho dos profissionais da Educação Infantil causa danos à saúde dos docentes que atuam na fase inicial da formação básica, pois a carga laboral nesta área tem exigido muito esforço do docente e isso provoca certo desconforto dos docentes, haja vista, que grande parte dos profissionais da educação opera em mais de uma instituição escolar, e isso aumenta ainda mais seu esforço, em virtude do professor ter que se organizar para conseguir realizá-lo com qualidade, bem como, disponibilizar tempo para estudar e cuidar dos seus afazeres dentro e fora da escola.

As queixas relatadas entre os profissionais, as experiências vivenciadas no cotidiano escolar, mostra as diversas formas que o docente mobiliza para efetivar tarefas causando sobrecarga de funções e muitas vezes impossibilitando de cuidar de sua própria saúde acabando afetando diretamente seu bem-estar. Tendo em vista tais queixas e desabafos, procuramos investigar se as professoras se afastam das atividades desenvolvidas nas Creches e quais motivos de saúde, também quais são as atitudes tomada pela Secretaria da Educação da cidade de Cajazeiras - PB frente a tal afastamento, analisar a relação entre as condições de trabalho do docente e os efeitos sobre sua saúde, caracterizar como realiza essas atividades e identificar os principais desafios, ao mesmo tempo saber como eles se adaptam e lidam com as novas tendências educacionais e suas respectivas demandas.

Dentre outros motivos que levou a estudar as condições de trabalho do docente, estão também conhecer como se dá a prática da gestão municipal da cidade de Cajazeiras - PB, no que se remete a cuidar/educar do profissional da Educação Infantil, haja vista que o mesmo, na maioria das vezes, por lidar com crianças pequenas, tende a ser tratado como um simples cuidador em detrimento do educador, e por compreender a indissociabilidade destas duas ações (educar/cuidar) pode vir a sentir-se mal, afetando assim sua saúde e sua disponibilidade diária. Entendemos como elementos importantes na realização desta pesquisa o fato de ser comparado a um cuidador de crianças, a exigência de qualificação, apoio institucional, e a falta de equipamentos.

O docente da Educação Infantil, por se tratar da primeira etapa do ensino básico, e ser público, o processo é mais desafiador exigindo uma prática cada vez mais

qualificada para que haja êxito no aprendizado dos alunos, assim sendo, precisamos refletir como esse profissional é assistido pelos setores administrativos inter e extraescolar, no espaço em que atuam, bem como entender como as docentes lidam com problemas de saúde, provocados ou não pelo excesso de atividades.

As mudanças constantes no processo de ensino da instituição escolar afetam principalmente quem atua na docência. Este por vez, precisa readaptar-se para conviver com tais mudanças, que de certa forma estão sempre voltadas para atender os educandos. O que queremos saber é: Como fica o docente nesse processo?

Diante da organização do exercício do docente, o cuidar da saúde chama muito atenção, pois, sua prática exige muito, devido às inúmeras atividades referente ao sistema educacional, as quais ampliam cada vez mais sua responsabilidade e compromisso em meio ao avanço ou desenvolvimento do sujeito esperado pela sociedade.

É relevante informar que temática investigada parte da ótica da reflexão acerca se as condições de trabalho interferem na saúde do docente, quais hábitos ou culturas que se sobrepõem a atuação desse docente no processo de ensino, sobretudo, quais dificuldades enfrentam, procuram resolver as situações complexas que surgem no contexto em que se encontram inserido, ainda, quais podem vir a prejudicar a sua saúde. Acreditamos que ao trazer para o estudo o contexto social e científico do trabalho docente estaremos contribuindo para o entendimento e possíveis estratégias que fomentaram a melhoria das condições de trabalho do docente e de saúde docente, favorecendo na qualidade do trabalho didático pedagógico.

Dessa forma, o primeiro capítulo trata da prática docente e condições de saúde, que compreende discussão acerca da prática didático pedagógica e das reais condições da atuação docente no espaço escolar, a função da escola as mudanças estruturais e institucionais, e o Professor, trabalho e desafio.

No segundo capítulo trataremos do percurso metodológico, o que aponta indicativos relevantes para compreensão da temática, e ainda, os procedimentos e instrumentos da coleta de dados como o questionário e a entrevista semiestruturada, seguido da contextualização do local pesquisado, descrição do espaço físico e dos atores sociais da pesquisa.

Já no terceiro capítulo, apresentaremos a análise e a discussão dos dados

abordando o perfil dos atores sociais da pesquisa, papel de fundamental importância para a pesquisa, e por fim trazemos as considerações finais.

CAPÍTULO I

1. PRÁTICA DOCENTE E CONDIÇÕES DE SAÚDE

O desenvolvimento das aulas, a quantidade de atividades, o planejamento, a relação docente/criança e vice versa, o cotidiano com os companheiros, inter e extra sala de aula, são variedades de afazeres que exigem empenho e atenção dos professores. Todas essas ações exigem muito esforço, pois essas atividades em excesso podem acarretar a perda da saúde do docente. Na visão de Tardif (2009, p. 157), “a docência é um trabalho parcialmente flexível que varia, temporalmente falando, em função de um grande número de fatores”. Enfatiza-se nesses escritos que existe flexibilidade de horários para realização de atividades, o que nos leva a pensar na possibilidade de vir a aumentar a quantidade de tarefas a serem realizadas pelo docente, indo além do que a sua capacidade pode exercer.

Na mesma perspectiva de estudo Codo e Vasques-Menezes (1999, p. 237) afirmam que: “Já se viu que o professor faz muito mais do que as condições de trabalho permitem; já se viu que comparece no tecido social compondo o futuro de milhares e milhares de jovens que antes dele sequer poderiam sonhar [...]”. Neste sentido, concordamos com os autores, pois na maioria das vezes, o profissional da educação realiza tarefas além das que sua disposição permite.

A prática educacional e as reais condições de atuação docente no espaço escolar é algo que pode levar o professor a possível adoecimento, seja de caráter físico ou mental. Em meio às perspectivas e enfoques no que diz respeito à saúde desse profissional, nas tarefas educativas, precisa-se ser mais enfatizado nas instituições escolares e até mesmo pelo sistema organizacional geral da educação.

Ainda segundo Tardif (2009, p.24) “[...] a escola, ligada historicamente ao progresso da sociedade industrial e dos Estados modernos: ela é uma instituição típica das sociedades do trabalho [...]”. Nessa perspectiva, o que aparece em primeiro lugar é o trabalho e quem fica prejudicado é o docente, se submetem a reproduzir modelos educacionais impostos pelas instâncias administrativas que têm o interesse voltado para as imposições da sociedade. Em meio a esse descaso com a saúde do professor, ainda se agrava por não existir na legislação trabalhista o reconhecimento de doenças adquiridas

na sala de aula, a exemplo dos distúrbios de voz, perda parcial da visão, estresse laboral.

Ao docente resta apenas a sala de aula que é o espaço de sua atuação, onde pode exercer seu poder e autonomia, mas, por sua vez possui é um poder limitado, pois está subordinado ao sistema burocrático que rege a escola. Esse profissional ainda tem sempre que obedecer ao ideal político administrativo, o qual se impõe as regras a serem seguidas de acordo com as transformações sociais, modelos pedagógicos e reformas educacionais enviados prontos para serem executados nas escolas.

Refletir a respeito da saúde no fazer docente é uma tarefa importante, pois se exige muito desse profissional, todavia não foi localizado por nós, documentos que trata das políticas públicas educacionais nos documentos que utilizamos. Entendemos que o docente deve ser tão bem assistido quanto os discentes, haja vista que seus afazeres para com a escola vêm exigindo cada vez mais de sua disponibilidade.

1.1. A função da escola e as mudanças estruturais e institucionais.

A escola sofre constantes mudanças neste crescente e acelerado mundo globalizado do século XXI, que requer do docente um ritmo elevado de informação para poder permanecer no mercado. O profissional da educação tem que se adaptar à escola tal como é imposta pelo sistema administrativo, e seguir as instruções que for cabível à instituição. Nesse sentido diremos que:

De fato, em qualquer outra profissão, alguns professores fazem exata e unicamente o que é previsto pelas normas oficiais da organização escolar, ao passo que outros se engajam a fundo num trabalho que chega a tomar noites, os fins de semana, sem falar das atividades de duração mais longa, como cursos de aperfeiçoamento, de formação específica, atividades paraescolares ou sindicais, das associações profissionais, dos clubes esportivos para jovens, etc. [...]. (TARDIF, 2009, p.113).

Nessa perspectiva, o autor aponta elementos relevantes os quais podem afetar as condições de saúde dos professores, ao abordar as normas que se elencam para se organizar as atividades escolares. Assim sendo, do ponto de vista teórico, buscamos enfatizar o tema em estudo com base na vivência de docentes que atuam em Creches,

tentando relacionar as condições de trabalho com a com sua saúde. Outro ponto a ser observado é saber se existe preocupação e cuidado com os educadores da Educação Infantil que garanta segurança a essa classe, ou seja, dos sujeitos pesquisados.

Partimos de um contexto histórico para realizar o estudo, e para melhor compreender a realidade da Educação Infantil fundamentada na atuação do docente, sua forma de realizar as tarefas, de se relacionar com as crianças, visto que a educação tem como função a transformação social do ser humano, e ainda promover o desenvolvimento cognitivo do indivíduo, dentro das demandas do sistema administrativo que está inserido.

1.2. Professor, trabalho e desafio

Na produção de conhecimento, os desafios diários a serem vivenciados levou a enfatizar a importância dessa temática, saber como se promove o processo de ensino, e como se sentem os professores dessas vias de atuação. À situação educacional no país se mostra insuficiente para dar conta de toda a problemática relacionada ao ensino, a tal ponto que quem atua na educação não se sente totalmente capaz de se realizar na profissão. Do ponto de vista teórico concordamos que:

O profissional docente passa por um processo doloroso, relegando sua condição de trabalho a um plano escondido, recalcado e silencioso. Vivemos num tempo de enormes exigências de atualização, onde, com a implantação da tecnologia, supostamente diminuiremos o trabalho e teremos tempo livre, entendendo o tempo livre como: tempo livre do trabalho. Não tempo livre para exercer outra função ou ocupação que não a docente (WEBLER, 2007 *apud* SCHWALM, 2007, p. 01-02).

O autor deixam claro como é o dia a dia nas escolas, sabemos que refletir sobre as condições de trabalho do profissional docente demanda um processo longo para conhecermos as vivências do mesmo, por isso, através dos relatos sobre sua formação e atuação aqui dispostos, facilitou a compreensão que redigem características reais de certos incômodos no processo de realização das tarefas, levando o mesmo a uma prática angustiante, mesmo para um público tão diferenciado, requerendo bastante cuidado e atenção. Contudo, para entender o trabalho docente, é relevante conhecer a finalidade pedagógica, cuja intenção é manter-se saudável durante o processo de

ensino/aprendizagem, procurando assim, entender a especialidade da escola, não dando importância ao doente.

Por outro lado o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil - RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23), um dos documentos legais, norteadores da Educação Infantil na cidade de Cajazeiras-PB, afirma que educar uma criança, “[...] significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal [...]”. Nesta ótica, para que o trabalho com a Educação Infantil - EI ocorra em forma dos trâmites legais, a docente deve se apropriar se aprofundar teoricamente, de modo que lhe dê suporte suficiente para realizar a tarefa.

Nesse mesmo Referencial constam questões acerca das instituições de EI, afirmando que “[...] deve tornar acessível a todas as crianças que a frequentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social [...]” (BRASIL, 1998, p. 23). Como se vê no inscrito, o documento reforça que todas as crianças devem ser assistidas pelas instituições que atendem cada município.

Ao observar o trabalho docente e a realidade de sala de aula, bem como as atividades que os professores realizam com alunos, percebemos que os professores encaram os problemas de sala de aula como uma prática difícil, podendo assim provocar angústias e descontentamento no trabalho por nem sempre atingirem o objetivo desejado.

Ainda sobre a carga de funções para as docentes apresentam muitas vezes excessiva, pois sua jornada diária demanda muito de si. Isto, por sua vez, pode acarretar sintomas agravantes de saúde em seu corpo ou mente, mas a preocupação em não faltar ao trabalho é tão grande que acaba por não cuidar de si, pois as docentes ficam preocupada em dobrar a carga horária quando voltar ao trabalho e tiverem que reporem as aulas do período de sua ausência, fazendo com que se sintam culpadas por ter se afastado das atividades. Neste sentido compreendemos que:

[...] em relação à prática médica ou a respeito da saúde, há reticência maciça em falar da doença e do sofrimento. Quando se está doente, tenta-se esconder o fato não só dos outros, mas também da família e dos vizinhos. E somente depois de voltas que se chega, às vezes, a atingir a vivência da doença, que se confirma como vergonhosa: bastou uma doença ser evocada para que, em seguida, venham numerosas justificativas, como se fosse preciso se

desculpar. Não se trata da culpa no sentido próprio que refletiria uma vivência individual, e sim de um sentimento coletivo de vergonha: ‘não é de propósito que a gente está doente’. (DEJOURS, 1992. p.29).

Sobre à prática médica ou a respeito da saúde remetemos lembramos da prática dos professores que não é algo distante uma da outra ao tratar da saúde, visto que em muitas ocasiões os professores demonstram sentirem culpados por estarem doentes, ou até por faltarem ao trabalho, é relevante refletir como o docente se percebe na sua atuação profissional, diante de tantas provações, e aflições em sua prática docente, em consonância com Codo (1999) ao ressaltar que é preciso cuidar de quem cuida, pois é preciso investimento afetivo com este profissional para que ele se sinta capaz de realizar seu trabalho com satisfação. O mesmo autor continua evidenciando que as condições de trabalho docente necessitam ser reconhecidas e valorizadas, possibilitando desenvolver uma prática satisfatória.

Dejours (1992) recomenda converter um trabalho exaustivo em um trabalho equilibrado, visto que não considera ter reconhecimento com o sofrimento como no processo de trabalho docente e isso provoca um desprazer na relação com o trabalho. Segundo o referido autor, o prazer e o sofrimento podem resultar das más condições encontradas no ambiente de trabalho.

Para entender as práticas docente e como o profissional sente-se na sua atuação, é importante destacar a concordância defendida por Freire (1996, p. 43). “[...] na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática”. Diante do exposto, o que se apresenta é uma proposta de pesquisa que permita uma reflexão crítica sobre o modo como o docente se realiza em meio às inúmeras atividades que tem a cumprir na sua jornada diária de trabalho. Nessa perspectiva, fica claro que é necessário se preocupar com o lado ocupacional, mas dentro das possibilidades do trabalho.

Através do trabalho o ser humano se autor realiza, ou seja, constrói sua identidade entre as pessoas e sociedade. Sendo que existem trabalhos que são mais estressantes e à docência é um deles, pois pela educação busca-se promover exatamente a autonomia intelectual do indivíduo.

Tardif (2009, p. 111) aborda o tema do trabalho docente afirmando que “pode analisar a carga de trabalho dos professores de um ponto de vista administrativo, ou seja, definida em condições de conteúdos e duração pela organização escolar em função

de normas oficiais (decretos, leis, convenções coletivas, etc.) [...]”. O referido autor continua assegurando que, também se pode analisar “sob o ângulo das exigências reais do cotidiano”.

Segundo o autor citado trabalho se volta apenas para as atividades a serem realizadas pelo professor, e não para a pessoa do professor, isso pode vir a ser uma das atividades geradoras do estresse que influencia diretamente nas condições de trabalho, já que o mesmo carrega consigo o excesso de responsabilidade com relação aos compromissos assumidos e que precisa realizar, mas nem sempre dispõe de recursos nem tempo para isso.

Neste estudo o trabalho docente e quais condições é realizado Freire (1996, p. 123) disserta sobre a importância do diálogo no ambiente de trabalho, que é algo fundamental, em outras palavras, para ele “o diálogo é o momento em que os seres humanos se encontram para refletir sobre sua realidade, como a fazem e refazem”. A partir desse diálogo compartilhado entre os profissionais da educação que eles desabafam sobre a realidade de seu trabalho. Essa interação no ambiente onde exerce sua função, junto com seus pares, vem a ser um fator que facilita mais as condições de o docente atuar. Nesta ótica vemos nas escolas que a interação coletiva entre os docentes ameniza o trabalho exaustivo.

Além disso, Soares (2002) chama a atenção que, na Educação Infantil envolve principalmente o educar/cuidar e está diretamente ligada à pessoa do docente com o aluno, isso exige muita dedicação. Quanto ao trabalho docente há de fato elemento que desmotiva o educador o estresse causado por enfadonhas horas de trabalho acaba trazendo consequências desagradáveis para o educador, pois muitas vezes por não conseguir lidar com determinadas situações chega a sofrer com isso, de modo que causa certo mal-estar para si a ponto de perder o afeto pelo o trabalho.

Esses estudos orientam para que a preocupação com a saúde do docente seja mais evidente, pois quanto mais cedo for diagnosticado o problema, mais cedo e fácil será para cuidar as causas e efeitos provocados pela mesma. O professor precisa de cuidados especiais, afinal é ele quem tem que promover a autonomia intelectual dos alunos, pois como sabemos que o trabalho não é neutro à saúde, nesse sentido assinalamos que:

De qualquer maneira, o trabalho não é e nunca foi neutro em relação à saúde, e, favorece seja a doença seja a saúde. De modo que o trabalho deveria aparecer na própria definição do conceito saúde, e principalmente na definição da Organização de Saúde. (DEJOURS, 1992, p. 164).

Dessa forma, o autor discorre que a preocupação com a saúde se faz necessário e que o bom desempenho no trabalho esteja diretamente ligado à situação de saúde em que o profissional se encontra, logo não é diferente para o educador que vive em meio a diversidade de alunos. Dejours (1992, p.164) ainda destaca que “finalmente, o trabalho ocupa um lugar muito mais importante na luta contra a doença do que se supunha até agora nas concepções científicas”. E isso é bem claro nos relatos de profissionais entrevistados por Codo (1999), quando aborda as situações da falta de tempo para cuidar de si e de outras coisas que são importantes. Ainda em sua pesquisa identificou que a maioria dos docentes trabalha em situações desfavoráveis as suas necessidades, sejam elas físicas ou mentais, o que vai provocando o desinteresse pela profissão.

As abordagens feitas acerca do profissional docente e a sua relação com a saúde, deixando de lado suas contribuições para reflexões sobre a problemática em estudo, assim sendo, notamos que os cuidados com a saúde são necessários em todos os aspectos da vida do ser humano, principalmente, quando se refere ao trabalho docente. Conforme Adam e Herzlich (2001, p. 31 apud SOARES, 2002, p. 31), “[...] os cuidados preventivos para com o corpo, além de ser um direito, são também um dever”. Neste sentido, concordamos que essas necessidades são primordiais para o indivíduo principalmente por estarem ligadas a atividades educacionais, enfim, por todos os fatores determinantes que contribuem para a vida do ser humano. No capítulo seguinte, apresentaremos o percurso metodológico para mostramos como são as condições de trabalho dos profissionais que atuam na Educação nas Creches.

CAPÍTULO II

PERCURSO METODOLÓGICO

Para sabermos como se encontram as condições de trabalho das professoras que atua na Educação Infantil de Cajazeiras - PB, e se estas condições afetam a relação trabalho/saúde, desenvolvemos a pesquisa no intuito de obter indicativos que levem a compreender qual a real situação de trabalho e de saúde desse profissional que lida com crianças na sala de aula, também realizamos um levantamento bibliográfico para melhor conceituar o tema.

Nesse sentido, construímos a pesquisa com aporte teórico nas leituras Tardif (2009), Libâneo (2007), Codo (1999), Freire (1996), Nóvoa (1995), RCNEI (1998), Soares (2008), Bauer (2010), Schwalm (2012) que discorrem acerca da temática em questão e que contribuem para auxiliar na compreensão.

2.1. Procedimentos e instrumentos da coleta de dados

Para a coleta de dados utilizamos um questionário e a entrevista semiestruturada. Estes instrumentos permitem uma relação maior de proximidade com quem é pesquisado, favorecendo maior compreensão do problema. Buscamos os elementos indicativos para descrição dos dados que foram bastante significativos, e importante para o processo final da análise, pois estivemos em contato direto com o sujeito.

Ao discorrer sobre a relação trabalho e saúde do docente, marcas que expressam as experiências vivenciadas no espaço escolar de socialização e atuação, utilizamos esses instrumentos para construímos a pesquisa no intuito de conhecermos as condições de trabalho, como vive o profissional da educação e se adocece com muita frequência. Sobre a pesquisa de campo LAKATOS diz que é aquela utilizada com objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, de descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (, 2010, p. 160.)

No caso desta pesquisa, a fim de nos aproximarmos mais do objeto de estudo, buscamos absorver informações acerca do tema abordado para entendermos melhor as atitudes do profissional da educação no seu contexto de atuação, sabermos como se encontra o docente em relação à instituição onde atua, e quais as repercussões de suas

atividades no exercício de sua profissão.

2.1.1. O questionário

O questionário foi dividido em duas partes, a primeira com dezesseis questões que, buscou os dados sociodemográficos dos professores (Apêndice A) e, na segunda parte com uma questão foi destinada para saber qual a profissão cada entrevistada escolheria, caso não fosse professora da Educação Infantil (Apêndice AI). Este instrumento foi respondido por meio do autopreenchimento das pesquisadas, e apontou indicativos importantes no processo de construção deste estudo.

2.1.2. Entrevista semiestruturada

Segundo Bauer (2002, p. 189) a entrevista é um método fundamental no processo de comunicação que permite ao entrevistador absorver elementos indicativos para fazer uma reflexão acerca do problema abordado. A utilização deste recurso, no nosso caso, se deu logo após as visitas realizadas nas Creches para os primeiros contatos com as docentes e o convite para participarem da pesquisa. Realizamos a entrevistas com 10 questões (Apêndice B), que buscou saber como se deu a opção de se tornar docente, saber se existem desafios na atuação como educadora, como se sentem na profissão, entre outras questões.

A escolha deste instrumento se deu por ser um meio que permite a aproximação direta do pesquisador com os professores a serem entrevistado, pois com o planejamento possibilitou o acesso direto a informação o que ajudou na delimitação do problema.

Esse instrumento permitiu explorar a realidade das professoras investigadas e relacioná-las com a questão problematizadora que é investigar se estas professoras se afastam das atividades desenvolvidas nas Creches por motivo da saúde e quais são as atitudes da Secretaria da Educação da cidade de Cajazeiras-PB frente a tal afastamento. Sobre o assunto, Codo (1999, p. 257) afirma que “A relação do professor com seu trabalho se estabelece de forma muito forte onde os valores de manutenção na função e de satisfação no trabalho passam ao largo das questões salariais ou de manutenção na função de apoio didático-pedagógico [...]”.

A entrevista com docentes da Educação Infantil possibilitou uma melhor

compreensão do dia a dia e da realidade estudada, passamos a entender a relação entre os valores da função e a sensação de dever cumprido. Estes contatos foram imprescindíveis no desenvolvimento deste estudo, pois possibilitou obtermos informações breves e precisas sobre a vida diária das professoras.

2.2.3. Contextualização do local pesquisado

A pesquisa foi realizada entre outubro e novembro de 2013, e foi realizada nas quatro Creches municipais da cidade de Cajazeiras-PB, o corpo discente das instituições é composto por crianças de baixa renda e que residem em bairros periféricos. As turmas são formadas do Berçário ao Pré II, assim distribuídas: (Berçários, Maternal I, Maternal II, Pré I e Pré II). Todas as Creches funcionam em tempo integral e atendem crianças de zero a cinco anos de idade.

O corpo docente é constituído por 40 professoras que trabalham numa perspectiva de oportunizar e explorar as diversas áreas da vida da criança, procurando também desenvolver atividades que levem a fazer novas descobertas.

2.2.4. Descrição do espaço físico das Creches

Descrever o espaço físico das Creches se faz necessário para podermos então conhecermos melhor como é o ambiente de trabalho das professoras, e com isso entendermos como elas se encontram neste espaço. Para tanto concordamos com o que aponta o RCNEI (BRASIL, 1998, p. 23), que “As novas funções para Educação Infantil devem estar associadas a padrões de qualidade”. Este Referencial trata principalmente do respeito à dignidade e aos direitos das crianças, levando em consideração as particularidades e individualidades culturais, sociais, econômicas, entre outras, como consta: “Essa qualidade advém de concepções de desenvolvimento que consideram as crianças nos seus contextos sociais, ambientais, culturais [...]” (BRASIL, 1998, p. 23). Neste sentido acreditamos que essas qualidades devem também se estender as professoras que atuam com as crianças.

Com objetivo de preservar a identidade das Creches, as nomearemos de Creche A, Creche B, Creche C e Creche D, como veremos a seguir.

A Creche A, conta ao todo, 92 crianças. Na sua estrutura física dispõe de quatro

salas de aula, uma brinquedoteca, uma sala para funcionários, em geral, que é dividida com a biblioteca, uma sala para direção, uma recepção, um berçário, uma cozinha, um refeitório, uma lavanderia, quatro banheiros, um pátio, um dormitório e uma quadra em todas as salas de aula dispõem de brinquedos e jogos.

Quanto aos funcionários, possui uma gestora e duas vices gestoras, um apoio pedagógico e dez docentes. O corpo técnico de apoio é distribuído da seguinte forma: doze monitores, entre concursados e contratados, um vigilante, dois auxiliares de serviços gerais, duas cozinheiras, dois auxiliares e duas lavadeiras.

A segunda é a Creche **B**, conta, ao todo, com 152 crianças. Os funcionários são assim distribuídos: uma diretora, uma vice-diretora, um agente administrativo, uma cozinheira, uma lavadeira, 14 docentes, dezesseis monitores, duas merendeiras e duas auxiliares. O espaço físico dispõe de sete salas de aula, um banheiro em cada sala; dois banheiros para os funcionários, uma brinquedoteca conjunta com a biblioteca; um dormitório; uma sala para coordenação, dividida com os docentes; uma cozinha; um refeitório; uma lavanderia; um pátio e um parque.

A terceira é a Creche **C**, com 52 alunos. Os funcionários são distribuídos da seguinte forma: uma diretora, uma secretária, um apoio pedagógico, seis docentes, seis monitoras, dois vigilantes e dois auxiliares de serviços gerais.

O espaço físico conta com três salas de aula, um refeitório, uma brinquedoteca, uma cozinha, área de serviço, pátio, um banheiro com três chuveiros, três sanitários para as crianças, almoxarifado, uma dispensa para alimento, uma dispensa para material de limpeza, uma diretoria com um banheiro, uma guarita com um banheiro, uma área livre.

Dispõe de uma grande variedade de recursos como: um DVD, TV, Microsystems, caixa amplificadora, microfone, uma impressora emprestada, um mimeógrafo, livros paradidáticos, teatro com fantoches, jogos variados, três quadros brancos, ventiladores, 38 mesas ao todo.

A quarta Creche é a **D**, com 87 alunos, uma diretora, uma vice-diretora, uma secretária, dez docentes, três vigilantes, duas cozinheiras, um apoio pedagógico, cinco auxiliares de serviço geral, quinze monitores e um agente administrativo.

O espaço físico dispõe de cinco salas de aula, um berçário, sete banheiros com chuveiro e dois vasos sanitários, desses, dois são para os docentes; um pátio, uma secretaria, uma direção, uma cozinha, uma brinquedoteca, uma quadra, um refeitório,

um espaço para recepção, um almoxarifado para guardar material de limpeza e uma dispensa para guardar alimentos, uma guarita, um parque em reforma, um quintal e uma área livre. Quanto a equipamentos tem: 10 ventiladores, uma TV, um DVD, dois quadros de giz e três quadros brancos, uma geladeira, um freezer, um fogão doméstico e um industrial.

2.2.5 Os atores sociais da pesquisa

Participaram da pesquisa 21 docentes, todas do sexo feminino, da Educação Infantil das Creches Municipais da Cidade de Cajazeiras-PB. Intencionávamos coletar os dados com 40 docentes atuantes nessas instituições, porém, ao final da coleta (novembro/2013), houve uma renovação do quadro de funcionárias, ou seja, quem estava com contrato por tempo determinado foi demitido para dar espaço às professoras recém-concursadas, reduzindo o número de professoras pesquisadas.

Essas professoras foram escolhidas em vista de trabalharem com crianças, nesse sentido, tivemos o desejo de conhecer como esses profissionais se situam na modalidade de Educação Infantil, e no contexto da realidade das creches municipais.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise de dados foi analisada a partir da proposta de Bauer (2010, p. 192), que discorre acerca de Análise de Conteúdo (AC), descrevendo como algo que “[...] permite reconstruir indicadores e cosmovisões, valores, atitudes, opiniões, preconceitos, e estereótipos, e compará-los, entre comunidades [...]”, neste sentido, quando o autor nos situa acerca da AC, permite analisar os instrumentos metodológicos utilizado na investigação e ainda relata a AC como “[...] uma construção social [...]”. Estes conceitos também estiveram enfatizados na construção deste estudo, ao analisarmos as respostas dos docentes entrevistados.

As condições de trabalho docente requerem discussão relacionando com sua saúde, o que é fundamental para que o mesmo possa desenvolver bem suas atividades e realizá-las com satisfação. Por isso, neste capítulo abordaremos o perfil dos atores sociais da pesquisa, discorrendo acerca dos dados pessoais, da renda salarial e formação acadêmica de cada entrevistada. Portanto, a análise dos dados seguiu, passo a passo, essa proposta que oportunizou a aplicabilidade no corpo do texto, bem como, para relacionar as contribuições dadas pelas docentes entrevistadas.

3.1. Perfil sociodemográfico

Passamos a investigar as condições de trabalho e de saúde das docentes da EI com o desejo de saber se essa temática é discutida no âmbito das Creches e se há influência dessas condições na vida diária dessas professoras que colaboraram com este estudo.

Nesta perspectiva participaram da pesquisa 21 docentes das quatro Creches municipais da cidade de Cajazeiras - PB. Com relação à faixa etária das pesquisadas elas se encontram entre 19 e 57 anos de idade, com maior concentração na faixa etária de 30 a 39 anos (12 professoras). Em se tratando do estado civil encontramos 14 casadas, cinco solteiras, uma divorciada e uma viúva.

Destas, cinco não têm filhos, sete tem apenas um filho, três têm dois filhos, cinco têm três filhos e uma tem quatro filhos. No que se refere ao vínculo de trabalho,

das 21, oito são contratadas por tempo determinado, as demais são do quadro efetivo. Quanto à religião três são espíritas e as demais são católicas.

3.2. Formação docente, tempo de atuação e renda salarial

No que se referem à formação das 21 docentes que participaram da pesquisa, oito atendem ao que preconiza a LDB (BRASIL, 1996), na lei 9.394/96, Seção II, Título VI, Dos Profissionais da Educação, Art. 62, que determina que a formação do docente para trabalhar na Educação Infantil, esta seria a formação básica sugerida para um professor que pretende trabalhar com crianças pequenas que deverá ser a de Nível médio, modalidade Normal (*compreendido também como magistério – grifo nosso*). Das oito, três têm o curso de Pedagogia, das quais uma tem Especialização em Metodologia do Ensino Médio e outra Especialização em Psicopedagogia e cursa Mestrado em Educação. As demais, duas têm especialização: Psicopedagogia, Língua Portuguesa e Literatura.

É interessante descrever o tempo de atuação das docentes entrevistadas para sabermos se há transformação durante o percurso da prática, tanto no magistério como na Educação Infantil. Encontramos entre as pesquisadas oito docentes que têm de cinco a 10 anos de trabalho; três, entre 11 e 15 anos; três, entre 16 e 20 anos, cinco, entre 21 e 30 anos e duas, acima de 31 anos. No que se refere ao tempo de atuação no espaço da instituição varia de um a 15 anos, sendo que 10 professoras estão na Creche entre um e 10 anos, nove delas estão entre 11 e 15 anos, uma com oito meses e uma não informou.

Sobre a renda salarial das docentes, 17 recebem entre um e três salários mínimos que, em 2013, equivalia a R\$ 678,00 (seiscentos e setenta e oito reais), valor do salário mínimo nacional, isto no caso das contratadas; já as efetivas, mesmo que tenham apenas o curso normal (pedagógico), ganham o piso salarial que é, em média, R\$ 1.269,27 (um mil duzentos e sessenta e nove reais e vinte e sete centavos), porém varia entre as categorias, pois com curso superior, especialização ou mestrado chega a ultrapassar R\$ 2.000,00 (dois mil reais), e quatro das demais ganham entre quatro e seis salários. Quanto à outra renda, quatro trabalham na rede pública de ensino, duas na rede privada, uma é aposentada e uma é pensionista.

3.3. Profissão que seguiriam, caso não fossem docentes

Interrogamos sobre qual profissão gostariam de seguir, caso não fossem docentes. Obtivemos as seguintes indicações e justificativas. Cinco indicaram que de alguma forma permaneceriam na mesma, embora uma delas tenha demonstrado o desejo de ir para o ensino superior. Outras relataram que: “Seria professora, gosta da profissão”. “Nunca pensou em ter outra profissão”. “Algo relacionado à educação”. “Não sei, sempre me identifiquei com essa profissão”. “Sou professora e assim desejo continuar”. Quatro demonstraram o desejo de serem psicólogas, três justificaram: “Gostaria de ter feito psicologia, por gostar da área, e ter uma irmã psicóloga, a qual muito admiro”. “Psicologia infantil. Por gostar de trabalhar com o lado humano e com criança”. “Gostaria de ser psicóloga. É preciso entender o comportamento das pessoas”.

Outros relatos, caso não fossem docentes. Duas demonstraram o desejo de serem Assistentes Sociais, “Porque acompanha de perto a vida daqueles mais necessitados, podendo modificar a situação para melhor”. Duas indicaram profissão na área de saúde: “Agente de saúde, pois gosto de trabalhar com crianças”. “Enfermeira, gosto da área de saúde”. Duas desejavam trabalhar com números ou como agente administrativo, “Porque acho interessante”. “Já exerci a função por cinco anos”. “Economista, pois sempre me encantei por esta área”. “Bancária, gosta de números”. Entre as demais, uma seria Artesã: “Gosta de fazer trabalho artístico”, uma “Advogada”, e uma desejaria ser “Dona de casa”.

Nesse sentido, os relatos supracitados concordam com os escritos de Freire (1991, p. 58), ao discorrer que “[...] Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, a gente se forma, como educador permanentemente, na prática e na reflexão da prática”. Concordamos com o Freire, pois o mesmo contribui com a variedade das falas das docentes ao se referirem à sua escolha, também acreditamos que a prática influencia na opção da profissão que se quer seguir, e que colabora para mudanças de decisões.

Concluído o levantamento dos dados sociodemográficos, aplicou-se a entrevista contendo dez questões com objetivo de adquirir elementos indicativos acerca do trabalho e saúde dos docentes, que fossem significativos à pesquisa. Como primeira pergunta, procuramos saber:

3.3.1 Como se deu a opção de se tornar docente?

Obtivemos as seguintes respostas: Incentivo de familiar – 5, Desejo de criança – 5, Acaso – 2, Desejo/aptidão de ensinar – 2, Único curso profissionalizante oferecido na época – 1, Paixão – 1, Falta de opção – 1, Influência de amigos – 1, Identificação com os professores – 1, Necessidades financeiras – 1, 1 não informou.

Ao se tratar da opção pela docência Freire (2008, p. 47) quando afirma que “A prática educativa, pelo contrário, é algo muito séria. Lidamos com gente, com crianças, adolescentes, ou adultos. Participamos de sua formação. Ajudamo-los ou prejudicamos nesta busca. Estamos intrinsecamente a eles ligados no seu processo de conhecimento”. Nesta ótica o autor mostra a preocupação com a prática docente, que, é necessário ser levado a sério pelas mesmas, isso independentemente do modo em que optou pela profissão.

É fato que quem lida com educação sabe que o processo de ensino é muito desafiador, por isso na segunda que segue na segunda pergunta:

3.3.2 Existe algum desafio na sua atuação como educadora? Se sim justifique os principais.

10 professoras indicaram a “falta de apoio e incentivo familiar no processo de educação dos filhos”, o que vem a ser o maior desafio para sua prática. Duas delas também se reportaram a “falta de recurso e de reconhecimento”, como podemos observar em alguns dos discursos abaixo:

“O principal desafio é ter que educar o aluno sem a colaboração da família no processo de aprendizagem.”; “[...] os desafios circulam sobre o núcleo familiar das crianças atendidas [...], é muito desafiador adentrar a porta de casa e descortinar o universo familiar das crianças.”; “Faltam acompanhamento familiar, recursos”; “Falta de reconhecimento; apoio da família”.

Sabemos que a família exerce papel fundamental no desenvolvimento educacional das crianças, sendo que, a falta desse acompanhamento provoca grande desafio para o docente que atua neste quadro. Sobre o apoio familiar nos reportamos a Freire (1996, p. 120) ao relatar que “A posição da mãe e do pai é a de quem, sem nenhum prejuízo ou rebaixamento de sua autoridade humildemente, aceita o papel de enorme importância de assessor ou assessora do filho ou da filha”.

Nesta fala o autor põe em debate que a educação deve ser construída coletivamente entre família e escola, e que é processo nada fácil, desta forma, a atuação dos professores será mais gratificante e proveitosa, quando a tarefa de educar é realizada em parceria com os pais. A escola possibilita o conhecimento contextual dos alunos oportunizando desenvolver melhor suas potencialidades individuais e intelectuais e os pais acompanham os filhos e apoiam os docentes.

No percurso da pesquisa as entrevistadas apontam uma variedade de desafios os quais descrevem na medida em que vão identificando, entre eles duas cita a “disciplina, a criatividade”, outras duas professoras dizem que desafio é o “trabalho com necessidades especiais, e a educação inclusiva”.

Nessa ótica, as entrevistadas elencam a falta de preparação para trabalhar com alunos com necessidades especiais, e o quanto é preciso se qualificar nesta área de ensino. Através dos seus discursos, evidencia-se a preocupação por parte desses agentes acerca de sua qualificação enquanto docente, pois parte desta categoria aponta que os desafios no espaço da sala de aula podem ser gerados por despreparo.

Nos escritos de Libâneo (2007, p. 77) fica evidente a importância da qualificação do professor quando afirma que “o professorado, diante das novas realidades e da complexidade de saberes envolvidos presentemente na sua formação profissional, precisaria de formação teórica mais aprofundada, capacitada operativa nas exigências da profissão [...]”. Como vimos, o autor contempla as angústias das docentes pesquisadas ao sentirem a necessidade de formação que as qualifiquem para o trabalho.

Ainda existem outros desafios, como exemplo de “falta de valorização, de material e educa/cuidar”, é um trabalho mais complexo para realizar, por isso é preciso estar apto para atuar nesta modalidade tão ampla e difícil, como aborda Tardif (2009, p. 157.), “as tensões, e os dilemas nos papéis do professor”, o autor continua afirmando, na mesma página que o “professor precisa ser malabarista com tantos papéis para desempenhar”, daí, entendermos que todos estes percalços na vida do docente, aumenta cada vez mais seus desafios em meio ao contexto escolar.

Três professoras relatam que “Educar” formar bem, tornar meus alunos pessoas melhores, preparar a geração atual para a vida com os serviços que temos, processo de leitura e escrita. “Valorizar” Falta de valorização que é dada a profissão, descaso dos governantes, descaso/desvalorização. “Material” dispor de material adequado para cada

idade, recursos adequados e suficientes)”.

Entretanto, em meio a tantos desafios citados pela maioria das entrevistadas, duas delas afirmam que não têm desafio, para atuarem no processo de Educação Infantil, todavia, em conversa informal, ouvimos relatos delas reclamando de falta de recursos, ambiente quente, pouca assistência, o que vai contra a suas falas acima.

A realização profissional é um motivo de reflexão para quem está atuando no sistema educativo, razão por que fizemos a terceira pergunta.

3.3.3 Como as professoras se sentem na profissão?

Verificamos nas respostas que várias profissionais se sentem bem atuando como professoras, podendo ser constatado nos seus relatos: “Realizada, porque eu gosto do que faço”. “Sinto-me realizada, gosto do que faço e acredito que acertei na escolha, alcancei desejos pessoais com a minha profissão”. “Gosto muito da minha profissão, porém existem algumas dificuldades a serem solucionadas, melhores condições de trabalho, salário, outros”. “Feliz, porque apesar de ser uma tarefa árdua me permite cuidar das pessoas”. “Bem, porém muitas vezes cansada”. “Bem, a experiência ajuda a atuar diante dos diversos desafios”.

Por outro lado, seis das docentes entrevistadas relatam que se sentem realizadas, como se consta em suas falas: “Mesmo com as angústias, me sinto bem, realizo o que está ao meu alcance”. “Sinto-me realizada, sempre sonhei em ser professora e realizar um trabalho que fosse capaz de transformar o educando, pois é muito gratificante a minha profissão”. “Enquanto profissional me sinto muito realizada, porém a desvalorização faz com que nos sintamos desestimulados para atuar, porém não penso nunca em desistir, tenho fé em mudanças”. “Sinto-me realizada, pois faço algo que gosto muito”.

Ainda com relação ao sentimento de ser docente algumas citaram que: “Sinto-me pouco prestigiada quando olho a educação como um todo e vejo que ações politiquerias interferem demasiadamente para a real qualidade e excelência de ensino em Cajazeiras e no Brasil.” “Injustificada, desvalorizada, nós contratados não somos vistos como professores”. “Desvalorizada, pois sou apaixonada por livros, mas diante do que ganho tem que optar: ter ou comer e isso é uma vergonha [...], e assistimos dia após dia, o professor ser desvalorizado”. “Atualmente sinto-me desmotivada, não vejo

uma geração que quer fazer a diferença”. “Um ser em ascensão, a cada ano novo desafios e aprendizado”.

Os dizeres acima fortalecem o entendimento de Libâneo (2007, p.10), “é preciso resgatar a profissionalidade do professor, reconfigurar as características de sua profissão na busca de sua identidade profissional”. Como podemos perceber o autor fala da importância da valorização da profissão docente, bem como resgatar o gosto pela docência de modo que possa sentir-se bem na sua atuação. Para Nóvoa (1995, p.120) “a chave do mal-estar docente está na desvalorização do trabalho do professor evidente no nosso contexto social, e nas condições de trabalho do professor em sala de aula, [...]”. Nesta perspectiva, o escrito do autor nos leva a concordar com os relatos das professoras supracitadas ao se referirem à desvalorização do professor.

Em geral, as condições de trabalho dos professores da rede pública de ensino se assemelham então, a quarta pergunta foi direcionada no sentido de investigar essas condições no ambiente das creches.

3.3.4 Condições de trabalho do professor na Educação Infantil

Verificamos nos relatos das professoras indicativos significantes como; “Não são tão favoráveis, mas dá para contornar”. “Regular”. “Para mim graças a Deus as condições está dentro do normal”. “Razoável”. Com base nas falas das professoras, notamos que elas acreditam que as condições de trabalho oferecidas são normais.

Outras se queixam “da falta investimento”, assim sendo relatados por elas: “Com relação à saúde não há nenhum investimento por parte da esfera pública”. “Penso que poderia ser melhor, se as políticas públicas tivessem um olhar mais humano para o profissional da educação”. “Não resta dúvida que tivemos algumas melhorias, mas precisa de um investimento significativo para a educação infantil”.

Entretanto, uma, das 21 entrevistadas considera que o trabalho é ótimo na Creche: “A direção e docentes são ótimas de trabalhar, são compreensivos quando o docente ou monitor precisa faltar, é só ligar para mandar uma substituta no lugar. A única coisa que falta é o material didático, livro para se trabalhar”. Neste sentido, Nóvoa (1995, p. 106) aborda que, “a falta de recursos generalizada aparece, em diferentes trabalhos e de investigação, como um dos fatores que fomentam o mal-estar docente”.

Em outros relatos, as condições de trabalho apresentam melhoras, sendo assim

citado por elas: “Atualmente as condições de trabalho têm melhorado muito, principalmente no que se refere à retirada do quadro de giz da sala de aula no nosso município”. “Já foram piores, hoje as escolas já disponibilizam de muitos recursos para o professor, os recursos do PDDE ajudam bastante”. “Começou a melhorar no início de 2013 com entrega de material lúdico e didático, reformas nas instituições em que trabalho e outros”. “Hoje as condições são muito melhores do que quando entrei em 2006”. “Hoje as condições são muito melhores”.

Para as professoras pesquisadas, as condições de trabalho têm melhorado em virtude do que era antes, que isso é um bom começo. Nesta ótica, Freire (1996, p. 73,) afirma que esse profissional, “precisa de condições favoráveis, higiênicas, espaciais, estéticas, sem as quais se move menos eficazmente no espaço pedagógico”, concordando com os relatos das mesmas os quais evidenciam que as condições de trabalho das docentes são boas e satisfatórias para elas.

Ainda outras docentes discorrem que as condições são boas, porém “Falta qualificação e vocação por parte da grande maioria”. “São razoáveis, até que existe material didático, espaço físico, mas faltam pessoas preparadas para o uso dos mesmos e principalmente, falta vocação”. “São, ou melhor, estão de forma satisfatória, uma vez que estão procurando suprir as necessidades dos professores”. “Razoável, existem ainda muitos desafios a serem vencidos, educação precisa de muita mudança e inovação”. “De certa forma são boas, sinto falta de uma atuação mais forte na coordenação pedagógica na escola”.

De acordo com estes relatos as condições de trabalho nas instituições são boas, entretanto, as mesmas afirmam que precisam de “mudanças”, “de qualificação”. Concordamos com os relatos citados, pois pensamos que a qualificação profissional é essencial no processo da atividade docente, sendo confirmado por Freire (1996, p. 103) ao discorrer que “o professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”, neste sentido, o autor convida a refletir sobre a prática docente, bem como, que a qualificação depende também do esforço próprio do professor a procurar meios que o qualifiquem.

Também pudemos observar entre os relatos que há falta de compreensão no espaço de atuação, que se discorrem assim: “Muitas vezes precisamos trabalhar

individualmente para fazer um bom trabalho, pois nem sequer a compreensão de ser liberados dos planejamentos à noite, por estudarmos, não temos, é descontado no pagamento”.

Ainda percebemos demonstração de angústia pelo fato de não ser compreendida nos momentos que precisava faltar aos planejamentos para assistir aula na Universidade, visto que, sugeria a coordenação pedagógica da Instituição participar do planejamento em horário diferenciado, mesmo assim não foi compreendida. E outra professora aponta que as condições de trabalho na Creche são iguais a todas as outras.

Nesse quadro, as professoras se veem nas condições de obediência às normas da Secretaria de Educação, que rege as instituições escolares. E sente falta de compreensão em meio as demandas. Segundo Nóvoa (1995, p. 78) se “o apoio do conhecimento à prática é precário, convertendo-se numa das causas que levam muitos professores a agir de acordo com suas convicções e com mecanismo adquiridos culturalmente através da socialização [...]”. Portanto, assim sendo, concordamos com o autor, e acreditamos que essa falta de compreensão administrativa pode provocar mal-estar docente.

Seguimos o nosso estudo, com o questionamento sobre trabalho e saúde.

3.3.5 As condições de trabalho interferem na saúde do professor?

Ao verificarmos as respostas, obtivemos que 19 professoras entrevistadas responderam que sim, desde a questão do espaço físico, como a relação com a comunidade, à sobrecarga de trabalho e outros, como podemos verificar nos relatos: “Claro que sim, o espaço físico adequado, arejado, o número de alunos adequado, relação comunidade escolar, interferem na saúde do professor”. “Totalmente, um professor que não encontra no ambiente de trabalho condições mínimas para realizar seu trabalho, seja na higiene do ambiente, nas relações humanas, com certeza adoecerá”. “Sim, quando as condições de trabalho não são favoráveis, certamente o professor apresentará problemas de saúde”. “Com certeza, o quadro de giz já proporcionou muitas doenças, as águas em muitas escolas não são tratadas, entre outras coisas, se não existe um ambiente propício, o educador terá que se esforçar mais acarretando um índice maior de cansaço e estresse”.

Duas docentes responderam que não, quanto à interferência das condições de trabalho na saúde do professor, a maioria das professoras afirma que as condições de

trabalho interferem sim na saúde em todos os aspectos. Neste sentido acreditamos que as professoras entrevistadas, mesmo diante da situação em que se encontra no trabalho, inserem-se nesse ambiente e adaptam-se às condições para poder realizar sua função.

Para Freire (1996, p. 60) a “presença no mundo não é de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere”. E continua discorrendo na mesma página que “[...] as condições materiais, econômicas, sociais, políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa [...]”. Portanto, percebemos isto nos relatos das docentes, pois, tem que se adaptar no seu contexto profissional.

3.3.6 Afastamento do ambiente de trabalho por motivo de saúde

Quando nos reportamos ao problema de afastamento da função docente por motivo de algum problema na saúde, solicitamos justificativas para as respostas. Se sim, pedimos que falassem da experiência, de quem recebeu cuidados e se recebeu alguma assistência da Secretaria da Educação.

Nove das docentes entrevistadas responderam, “Sim, quem cuidou de mim foi a minha família, não recebi assistência da Secretaria de Educação”. “Sim, tive conjuntivite e fui afastada do trabalho”. “Já me afastei algumas vezes por motivo de rinite alérgica”. “Sim, passei mal em sala de aula e pedi para ir para casa e/ou hospital com ajuda da família”. “Sim, porém não por muito tempo, por ter bronquite asmática preciso fazer inalação, mas apenas peço para me ausentar em um dia ou dois e colocar uma substituta, comunicando apenas a direção”. “Sim, quem cuidou foi meus familiares, acredito que a Secretaria deva ter procurado saber se realmente estava doente, pois não dispomos de saúde do trabalhador”. “Sim, no resguardo, e por problemas de garganta, eu mesma me cuidei, não recebi assistência da SEEC”.

Os relatos das professoras concordam com Codo (1999, p. 242) ao discorrer que “[...] o professor torna-se incapaz no mínimo de empatia necessária para a transmissão do conhecimento e, de outro, ele sofre: ansiedade, melancolia, baixa auto-estima, sentimento de exaustão física e emocional”. Neste sentido estes fatores podem sim provocar o afastamento do ambiente de trabalho.

Quanto a não se afastar por motivos de doença, 12 docentes responderam que nunca se afastaram do trabalho por motivo de doença, sendo assim descrito, “Não

aconteceu, graças a Deus”, nunca se afastaram do trabalho por questões de saúde advinda do exercício da profissão.

Ainda no que se refere ao afastamento, na sétima questão, perguntamos sobre o que provoca afastamento do profissional da educação de seu ambiente de trabalho.

3.3.7 O que provoca afastamento do ambiente de trabalho

Das entrevistadas, oito professoras responderam serem *os problemas de saúde*, as 13 restantes variam entre cansaço, ambiente, ou depende de cada professor. “Acredito que a doença”. “Problemas de saúde do professor e questões familiar”. “Tratamento de saúde”, “Geralmente, são problemas ligados à voz, à coluna, ao estresse”.

Outras docentes acreditam que as “condições em que se encontra o seu ambiente de trabalho, a convivência, o dia a dia com seus colegas, a falta de estrutura adequada da escola”, também são fatores que podem levar ao afastamento.

“O cansaço também é visto como o maior causador do afastamento, pois provoca outras dificuldades”. “Preocupação com a família, cansaço e trabalho”. “Diversos fatores podem provocar o afastamento de um profissional da educação de seu ambiente de trabalho. Doenças desenvolvidas a partir do exercício da profissão, acompanhamento, enfim, a cada caso sua justificativa”, “A falta de vocação, estresse, remuneração não adequada. Depende da cada pessoa”, “Doença, ou apadrinhamento político”.

Uma professora respondeu que “atualmente em seu ambiente de trabalho não conhece caso de profissionais que se afastaram por problemas de saúde”, uma nunca se afastou do trabalho, enquanto que apenas uma fala que “O profissional da educação precisa estar muito bem de saúde para atuar em sala de aula principalmente na educação infantil, caso contrário tem mesmo é que se afastar”.

De acordo com as respostas das professoras percebemos que há afastamentos do trabalho por motivo de saúde, sendo que variam de professor para professor. Com isso concordamos com Tardif (2009, p. 112) ao abordar que o “efeito das condições de saúde do professor varia de um país para outro, mesmo que nos limitemos a indicadores gerais como o número de horas trabalhadas, tamanho das classes e os salários”. Neste sentido, podemos comparar aos indicativos respondidos pelos professores que apresentam uma

grande variante entre eles.

Continuamos dialogando com as professoras, então perguntamos como elas se sentem mediante as demandas exigidas pela Secretaria de Educação (SEEC) de sua cidade.

3.3.8 Sentimento diante das demandas da Secretaria de Educação

Tivemos as seguintes respostas: “assumo o compromisso e me engajo aos projetos”; “Normal, a Secretaria exige de acordo com as demandas do MEC, sem ver a realidade de suas crianças e familiares com as quais trabalhamos”. “No meu ponto de vista exigem o que é para exigir, não me sinto constrangida com nada”; “As exigências são necessárias para que o ensino tenha êxito”. Podemos perceber que para estas docentes as exigências da SE são necessárias para a realização de um bom trabalho.

Ainda sobre as demandas, elas seguem relatando: “Satisfeita na maior parte das vezes e quando insatisfeita verbalizo o que sinto”; “Bem, pois as demandas são coerentes com as exigências apresentadas”; “Confortável, caso fosse secretária, seria mais exigente e faria um acompanhamento mais detalhado dos projetos e seu desenvolvimento nas escolas, mas com propósito de organização e orientação e não na linha do vigiar e punir”. Como se ver nesses relatos as professoras se sente bem, confortável e satisfeita diante das demandas SE, o que concordamos ser um positivo para elas.

Algumas docentes pesquisadas relatam que se sentem: “Pouco orientada e muito cobrada. “Eles cobram muito e orientam muito pouco, principalmente os contratados”. “Acho que há muita cobrança o que é positivo, mas é preciso ver as realidades das escolas”. “Às vezes um pouco sobrecarregada com os excessos de tarefas a serem realizadas”.

E ainda acrescentam que “a falta de compreensão me entristece mais do que as exigências. É exigido que você trabalhe, mas não há comparação quando você precisa se afastar ou faltar por alguma reunião/departamento”. “Penso que algumas demandas não condizem com nossa realidade e há “exigências” que não aprimoram o profissional ao contrário, limitam”. Essas professoras se mostram pouco satisfeitas com as demandas da SEEC, de modo que demonstram certo desconforto sobre elas.

Notamos que algumas docentes sentem o desejo de realizar as demandas da

Secretaria de Educação, como se vê nos relatos. “Sinto-me na incumbência de tentar atingi-las”. “Com vontade de realizá-las bem”. “Acredito que é tranquilo trabalhamos de acordo com a necessidade do aluno”; há ainda aquela que afirma que “não existe demanda trabalhamos em equipe”.

Com base nos relatos supracitados nos reportamos a Nóvoa (1995. p.100) ao afirmar que “[...] há um autêntico processo histórico de exigência que fazem ao professor, pedindo-lhe que assuma um número cada vez maior de responsabilidade”. Nesta ótica, é notória que as cobranças na profissão docente não é algo novo, e ainda que se exija do professor além de suas responsabilidades, que neste contexto pode sim a vir provocar problemas na saúde do docente

O autor continua afirmando na mesma página, “[...] pede-se ao professor que seja facilitador da aprendizagem, pedagogo eficaz, organizador do trabalho de grupo, e que para além do ensino, cuide do equilíbrio psicológico e efetivo dos alunos, da integração social e da educação sexual, da atenção aos alunos especiais [...]”. Concordamos com o autor, pois percebemos que as demandas de Secretaria de Educação segundo algumas professoras vão além das condições de realizá-las, o que também pode vir a gerar angústias no espaço de trabalho.

Para sabermos o que as docentes pensam sobre o que deveria haver na escola para que eles tivessem melhores condições de trabalho, fizemos a seguinte indagação:

3.3.9 O que deve existir na escola para que o professor tenha melhores condições de trabalho?

Tivemos como respostas de oito docentes, que faltam apenas recursos didáticos para melhorar as condições de trabalho, cinco apontam ambientes para relaxamento, as oito restantes se dividem em acompanhamento e apoio administrativo. De acordo como os relatos, “Momentos de terapia, aulas de hidroginástica”. “Atividades físicas, lazer, projeto voltado para a saúde do educador”. “Acho que deveria ter um tempo para a docente descansar, e os excessos de atividades diminuïrem”. “Um ambiente de relaxamento, pelo menos, semanalmente, uma sala de massagem, por exemplo,”. “Uma sala para uso exclusivo das docentes: um espaço para estudos, descanso, lanche”.

Outros relatos discorrem que: “Não há material didático suficiente para o

desenvolvimento do processo ensino/aprendizagem, como podemos ver, mais recursos a sua disposição: computador, livros, jogos educativos, biblioteca, xerox, quadro branco, um psicólogo para ajudar nas deficiências dos alunos e conseqüentemente ajudar a docente”. “Mais material disponível em boa quantidade, assistência à saúde do profissional”. “Um reconhecimento maior por parte dos superiores e mais materiais didáticos”. “No sertão, as salas deveriam ser climatizadas, ter aparelho de som em cada uma, psicólogo, laboratório de informática funcionando, momentos de formação e interação interpessoal, momentos de espiritualidade que não deve ser confundido com ensino de religião, seriam momentos de relaxamento e sintonia consigo mesma”.

Os relatos seguem mostrando que, para algumas docentes “falta acompanhamento mais específico para o aluno e sua família, bem como, uma melhor estrutura de equipamentos pedagógicos”. “Deveria, como exemplo, ter assistente social e psicólogo no ambiente”. “Ambiente escolar adequado para desempenhar melhor os processos ensino aprendizagem”. E ainda “falta apoio administrativo, primeiramente, uma equipe gestora preparada e um coordenador pedagógico preparado e depois a valorização das relações interpessoais em todos os setores da escola”. “Boa vontade da equipe, reconhecimento, colaboração, assistência médica, direitos iguais”.

Por outro lado, outras apontam que “Está bom por se tratar de uma cidade pequena, em meu ponto de vista, está bom”. “Hoje a escola não tem tudo, mas nós temos o básico para fazer o trabalho”. “As condições são boas”.

Observamos que em nenhuma das instituições investigadas oferece algum tipo de atividade que favoreça ao cuidado com a saúde desses professores, e para o desenvolvimento de suas atividades, bem como, não nos foi apresentada nada da Secretaria de Educação ou da Secretaria de Saúde, órgãos que deveriam trabalhar em parceria, no que se refira aos cuidados com a saúde das docentes.

Entre as leituras realizadas pouco se fala nesse critério de ambientes de cuidar do docente, entretanto, Libâneo (2007, p. 84) discorre que a formação docente deve se constituir em três dimensões, ou seja, “pessoal (articula processos de auto formação do professor), profissional (produzindo sua profissão juntando saberes da experiência com saber científico), organizacional (a escola como ambiente educativo e local de trabalho coletivo)”.

Prosseguido na pesquisa, e mesmo diante de tantas demandas, satisfações e ou

insatisfações, na décima questão perguntamos se as docentes aconselhariam alguém a atuar em salas de Educação Infantil.

3.3.10. Aconselharia alguém a ser professora da Educação Infantil?

Podemos verificar nas respostas que todas as docentes aconselham que sim, mesmo com tantas lacunas de assistência em diversos setores, elas indicariam a outras pessoas o trabalho com Ensino Infantil. Comprova-se assim com alguns relatos: “Sim, porque gosto do que faço e a educação infantil é prazerosa de se trabalhar”. “Sim. Porque temos a chance de implantar valores como a paz, o amor, o afeto e ser esperança para os mesmos”. “Sim. Porque é muito interessante conviver com as crianças de 0 a 5 anos, aprendemos muito e recebemos um carinho que às vezes o adulto se priva de dar”. “Sim, porque ser docente é bastante gratificante, apesar das dificuldades, com certeza, a Educação Infantil é a fase mais importante em que a criança se desenvolve em todos os sentidos, é a preparação para os outros ciclos da educação, amo o que faço”. “Sim é muito trabalhoso, porém melhor do que trabalhar com adolescentes, com certeza, porque é um trabalho extremamente prazeroso e gratificante”.

Em suma, todas as professoras responderam que aconselhariam sim, a qualquer professora que se capacite para trabalhar com a Educação Infantil, pois acham prazeroso o trabalho com essa categoria de ensino pelo fato de ser um público mais acessível. Porém os dados concordam com Freire (1979, p. 16) ao afirmar que “a primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir”, e é nesta perspectiva que acreditamos que o profissional da educação deve agir ao optar pela docência, ou seja, numa perspectiva de compromisso com a função social e pessoal dos agentes a serem atendidos por eles, bem como procurar sempre se qualificar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da investigação realizada buscamos conhecer quais são as condições de trabalho do profissional docente da Educação Infantil que atua nas Creches da cidade de Cajazeiras-PB, bem como, saber se as atividades realizadas nessas instituições provocam danos à saúde dos profissionais, e se quando ocorre, saber quais os principais efeitos provocados, e ainda, se recebem assistência pedagógica e administrativa pelos órgãos competentes que estão à frente da educação nesta cidade.

Mediante a pesquisa que foi aplicada com os professores, e analisados os depoimentos, notamos que às docentes reclamam de fatores como ambiente quente, falta de recursos materiais, pouco apoio administrativo, entre outros. Com fundamentação em escritos de estudiosos da educação e os relatos das docentes, foi possível estabelecer uma relação entre os problemas apontados e provavelmente indicativos provocadores de adoecimento.

No cômputo geral das respostas, 17 das docentes entrevistadas afirmam ter apresentado problemas de saúde no trabalho, embora apenas oito destas se afastaram. Algumas respostas apontaram que as condições de trabalho são pouco favoráveis, e que provocam adoecimentos das mesmas, fatos vivenciados por elas que afirmam ter se afastado por motivo de saúde, enquanto que as demais, mesmo não tendo se afastado dizem que as condições de trabalho deveriam ser melhores, ter mais assistência, mais recursos e principalmente valorização.

Entretanto, a pesquisa aponta que as docentes, mesmo com dificuldades para realizar suas funções, buscam concretizá-las dentro das possibilidades que a instituição oferece, pois acreditam no papel importante que devem exercer na sociedade.

Nessa ótica, entende-se que, apesar dos desafios encontrados, como jornadas de trabalho extensas, falta de tempo para refletir sobre sua prática, não assistência aos problemas de saúde, as docentes estão realizando suas atividades da melhor forma possível. Elas acreditam em seu papel de agentes sociais capazes de atuar na profissão numa perspectiva de contribuir com a educação de crianças que estão sob sua responsabilidade, colaborar na transformação através do ensino, recuperar o prestígio e

a importância da docência.

Enfim a realização desse trabalho foi de suma importância para o percurso final da formação docente, oportunizando identificar possíveis indicativos desafiadores no ato da prática docente. Sendo que, uma vez identificados esses elementos serão mais fáceis à busca de soluções, ou até mesmo aprender a conviver com eles. A pretensão é de contribuir para que haja reflexão acerca das condições de saúde do profissional da Educação Infantil.

Por fim, almejamos que este estudo venha servir para que os professores, em geral, e os que trabalham com crianças, em especial, entendam que o ambiente de trabalho pode influenciar na aquisição de males para a saúde. Esperamos que os dados obtidos na pesquisa possam contribuir para identificar aspectos importantes para o cuidado com a saúde dos profissionais da educação, e que possam ser úteis também para que as autoridades responsáveis pela educação e saúde tomem algumas providências no sentido de assistir os educadores, em geral.

Portanto, a pesquisa confirmou que se faz necessário direcionar melhor as políticas públicas administrativas e de saúde nas Creches, que desenvolvam projetos de assistência à saúde dos professores, que expandam programas de assistência social aos docentes contribuindo para a melhoria nas condições de trabalho e, conseqüentemente, termos professores mais dispostos para se engajarem nas diversas práticas pedagógicas e sociais de forma saudável e segura.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W. **Pesquisa qualitativa com texto: imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ. Vozes, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9394/96**.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. 1V.:il.

CODO, Wanderley (Coord.). **Educação carinho e trabalho**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. O que é Burnout? In. CODO, Wanderley (Coord.). **Educação carinho e trabalho**. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999, p. 237 – 254.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalhador: estudos de psicologia do trabalho**. 5ª ed. Ampliada – São Paulo: Cortez – Orobé, 1992.

FREIE, **Professor Sim Tia Não**. Cartas a quem quer ensinar. – Rio de Janeiro: Ed. Olho d'água, 2008.

_____. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1996.

_____, Paulo A **educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.

_____. **Educação e Mudança**. 31ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora: novas exigências educacionais e profissão docente**. 10 Ed. – São Paulo: Cortez, 2007. – (Coleção questões da Nossa Época; v. 67).

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 7ª ed. São Paulo: Atlas, 2010.

NÓVOA, António. **Profissão professor**. Porto – Portugal: Porto Editora, LDA. – 1995.

TARDIF, Maurice. **O trabalho Docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 5. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOARES, Luisa de Marillac Ramos. Com a palavra o professor: suas representações sociais da saúde do educador. Dissertação. Mestrado em Saúde Coletiva, 2002, UEPB.

SCHWALM, Paulo Henrique. **Programas e Projetos - Produções PDE - Artigos - Gestão Escolar**. Secretaria da Educação. Governo do Estado do Paraná. 2007.
Disponível em: "<http://www.diaadiaeducação.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/859-pdf>".
Acesso em: 10 de outubro de 2012.

APÊNDICE A
QUESTIONÁRIO I: SOCIODEMOGRÁFICO

- 1- Pseudônimo:
- 2- Idade:
- 3- Estado civil:
- 4- Tem filhos? Quantos?
- 5- Religião:
- 6- Formação:
- 7- Efetivo () Contratada ()
- 8- Graduação: () Sim () Não. Qual
- 9- Especialização: () Sim () Não. Qual
- 10- Mestrado: () Sim () Não. Qual
- 11- Doutorado: () Sim () Não. Qual
- 12- Caso positivo em qual (Is) IFES?
- 13- Tempo de atuação no magistério:
- 14- Tempo de atuação na Educação Infantil:
- 15- Qual sua renda salarial? () Menos de 1 salário mínimo. () Entre 1 e 3 salários mínimos. () Entre 4 e 6 salários mínimos. () Mais de 7 salários mínimos.
- 16- Você tem outra renda salarial? Se sim, em que função?

APÊNDICE AI

- 1- Caso você não fosse Docente da Educação Infantil qual a profissão que gostaria de exercer? Por quê.

APÊNDICE B

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1- Como se deu a opção de se tornar docente?
- 2- Existe algum desafio na sua atuação como educadora? Se sim, destaque os principais.
- 3- Como você se sente na profissão? Justifique.
- 4- Para você, como são as condições de trabalho da docente na Educação Infantil aqui em Cajazeiras?
- 5- Você acha que as condições de trabalho interferem na saúde da docente?
- 6- Você já teve que se afastar do seu ambiente de trabalho por algum motivo de saúde? Se sim fale da experiência, quem cuidou de você? Recebeu alguma assistência da Secretaria da Educação?
- 7- O que provoca afastamento do profissional da educação de seu ambiente de trabalho?
- 8- Como você se sente mediante as demandas exigidas pela Secretaria de educação de sua cidade?
- 9- O que você acha que deveria existir na escola para que a docente tivesse melhores condições de trabalho?
- 10- Você aconselharia alguém ser docente da Educação Infantil? Por quê?